



LIMA BARRETO

## Historias

— e —

## Sonhos

CONTOS



"Amplius! Amplius!"  
Sim: sempre mais longe!

LIVRARIA EDITORA  
— da —  
GIANLORENZO SCHEITINO  
RUA SACHET, 18  
RIO DE JANEIRO

Havia, sobretudo no segundo semestre do ano, exposições, concertos e conferências, pagas, com grande frequência de gentes, tanto da nova quanto das velhas gerações e de classes representativas de todas as camadas sociais. Nelas, escritores, poetas, críticos, jornalistas em geral, ombreavam-se com diplomatas tanto brasileiros quanto estrangeiros, pois, havia entre embaixadores, secretários de embaixadas e cônsules, figuras de grande gabarito mental e muitos entendendo bem e falando suficientemente o português. Também a política e a alta administração, o magistério e a magistratura, a indústria e o alto comércio, a oficialidade das classes armadas, então Marinha e Exército, concorriam aos salões do *Jornal do Commercio* e do *Hotel Avenida*. Suas localizações eram bem centrais, ideais para essas reuniões. Eu ouvi a leitura de *Cristais Partidos*, de Gilka Machado, pela primeira vez no *Jornal do Commercio*. E havia as grandes declamadoras, sendo a maior delas, Ângela Vargas. É o período caracterizado também por numerosas cantoras estrangeiras, de grande gabarito, inclusive uma uruguaia que se prolongou até após a guerra, chamada Berta Singermann e, mais tarde, muito mais tarde, uma peruana, famosa por possuir uma voz de tipo raríssimo, a da cantora que pode emitir som uma oitava acima do timbre normal, Yma Sumac. Isso foi moda que se aplicou até ao teatro: realizarem-se reuniões para leitura de peças teatrais. Era um grupo como que fizesse um ensaio. Esse gênero de reuniões era um verdadeiro ensaio da peça com os intérpretes lendo suas falas, sentados em torno de uma mesa e não representando no palco, mas conseguindo, graças às corretas entonações, dar à assistência uma impressão bastante fiel do entrecho do drama ou da comédia.

Em geral, à roda de Coelho Cavalcanti não apareciam essas pessoas, primeiro porque o espaço era insuficiente para os próprios membros do grupo e segundo porque no grupo realmente só três ou quatro eram interessantes como inteligentes, cultos e até como entes humanos; os restantes ali não passavam de viciados em pretender participar da vida boêmia, porque não sabiam bem o que fosse isso, confundiam boêmia com a vagabundagem medíocre dos basbaques que não faziam coisa alguma, além de dizer uma frase vazia ou vaga e de ficar rodando aqueles cantões da cidade. A conversa na roda era